A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

ALINE REZENDE NUNES

RESUMO

O estudo teórico sobre o processo de aprendizagem na criança sob influência da família faz uma reflexão sobre como a família e a escola são contextos fundamentais para o desenvolvimento da vida das pessoas. Serão destacadas as contribuições destes dois contextos para a evolução do desenvolvimento humano, enfatizando suas implicações nos processos, os vínculos familiares e a importância da rede social de apoio a famílias, focalizado a função da escola e a influência das pessoas no desenvolvimento da criança. Apontando algumas relações entre escola e família e a necessidade de sua compreensão, facilitando o desenvolvimento humano. A influência entre esses dois contextos para o desenvolvimento da criança é destacada como um desafio tanto para os pais como os professores que tem a responsabilidade de bloquear as influências negativas, procurando corrigir as crianças para que alcancem pleno desenvolvimento. Essas informações foram obtidas em pesquisas, em livros e em revistas.

PALAVRAS CHAVE: Aprendizagem, Educação, Escola, Família.

ABSTRACT

The theorical study on the learning process in children under family influence is a reflection on how family and school contexts are fundamental to the development of people's lives. Will highlight the contributions of these two contexts for the evolution of human development, emphasizing its implications in the process, the importance of family ties and social support network for families, focusing on the school's function and influence people in child development.Pointing out some relations between school and family and the need for understanding, facilitating human development. The influence of these two contexts for child development is highlighted as a challenge for both parents and teachers who have the responsibility to block the negative influences trying to correct children to reach full development. This information was obtained in research, in books and magazines.

KEYWORDS: Learning, Education, School, Family.

INTRODUÇÃO

Família e escola são contextos importantes e fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Além de serem importantes para o estabelecimento da trajetória da vida das crianças. Essencial se faz a reflexão sobre relação entre família e escola, os motivos e as causas das dificuldades de aprendizagem, a família e sua influência para o desenvolvimento integral da criança, a importância da família e sua valorização e, o cultivo de valores familiares.

Deve-se ter como objetivo fundamental, para os pais e responsáveis pelas crianças, o desenvolvimento total das capacidades intelectuais destas. A família é a base da aprendizagem humana, pois auxilia na construção da personalidade da criança e na sua inserção social.

As famílias são construtoras do aparelho psíquico das crianças e estas são dependentes dos adultos que estão inseridos no seu contexto. O ambiente escolar deve possuir uma atmosfera de respeito e cooperação, desta forma há o favorecimento da interação com a família e a criança sente-se segura para resolver conflitos. A instituição escolar é uma extensão do ambiente familiar, por isto torna-se responsável pela intensificação da interação entre a criança e a família, desta forma o processo educativo e a formação dos sujeitos é favorecido. (BOSSA, 1998).

Para Soares; Avila e Sovaetti (2000) apesar de a escola desenvolver aspectos necessários da socialização dos alunos e construir, elaborar e difundir o conhecimento, esta passa por crises da vida diária. O cotidiano gera conflitos e a descontinuidade, como a violência, a exclusão, a evasão, o insucesso escolar e o não apoio da família e da comunidade.

O desafio do cotidiano pode ser superado através da promoção da colaboração entre família e escola. Esta tarefa desperta o interesse dos pesquisadores, por ser complexa. (POLÔNIA E DESSEN, 2005). Por meio deste estudo buscam-se respostas com relação ao número de crianças que passam por problemas no desenvolvimento escolar e a contribuição para promover e melhorar a participação dos pais na vida da criança.

O DESENVOLVIMENTO HUMANO ATRAVÉS DO CONTEXTO FAMILIAR

A família representa um grupo social primário que é influenciado e influencia outras pessoas, instituições e a sociedade de modo geral. São pessoas, grupos ou número de grupos domésticos conectados, geralmente, pela descendência, partindo de um ancestral comum. Os integrantes de uma

família geralmente compartilham o mesmo sobrenome que é herdado dos ascendentes diretos. É unida por variados laços que são capazes de manter os integrantes juntos materialmente, reciprocamente e moralmente durante até mesmo gerações. (MINUCHIN, 1990).

Pode-se definir a família como um conjunto invisível de exigências funcionais que possuem organização da interação dos integrantes desta. Considera a família como um sistema que funciona através de padrões transacionais. Dentro de uma família os indivíduos podem formar subsistemas sendo estes formados por geração, interesse, sexo e função. Existem diferentes níveis de poder e os comportamentos de um integrante afetam diretamente os integrantes restantes. Como unidade social, a família, lida com diversas tarefas de desenvolvimento e aprendizado, com diferenças nos parâmetros culturais, mas tendo raízes universais.

A família adquire uma forma característica, ou seja, uma organização ou disposição de um número de integrantes que se relacionam de modo específico e frequente. Sendo assim, o ambiente familiar é composto de certo número de indivíduos com condições e posições reconhecidas no mundo social. A família pode formar uma estrutura conjugal, que consiste em um homem, mulher e os filhos (biológicos ou adotivos) convivendo num ambiente comum, ou não.

Há também famílias com a estrutura monoparental, ou seja, uma estrutura de pais únicos. Trata-se de uma variação da estrutura tradicional, ocasionada por fenômenos sociais, tais como o divórcio, abandono de lar, óbito ou adoção de crianças feita por uma pessoa apenas.

Outra variação é a família extensa, ampliada ou consanguínea. Esta é uma estrutura familiar mais ampla formada pela família nuclear com mais parentes diretos ou colaterais. Desta forma cria-se uma extensão das relações de pais e filhos, para avós, pais, netos, tios, entre outros.

Além destas ainda encontram-se estruturas familiares alternativas, que são as famílias homossexuais, comunitárias, entre outras.

Quando se fala em famílias comunitárias, ao contrário dos sistemas familiares tradicionais em que a responsabilidade total da criação e educação das crianças é da escola e dos pais, têm se a noção de que o dever de criação e educação é descentralizada, ou seja, as crianças tornam-se responsabilidade de todos os adultos membros da comunidade.

Para Atkinson e Murray (cit. Por VARA, 1996), a família é um sistema social único e é composto por um conjunto de sujeitos, onde cada um destes possui um papel atribuído. Estes papéis são diferenciados, mas funcionam como uma totalidade. Ao abordar o conceito de família evocam-se outros conceitos: o de papéis e funções. Nas famílias, de modo geral, não importa em qual sociedade se vive, cada integrante ocupa uma posição determinada ou estatuto. Como exemplo, o marido, mulher, irmão ou filho, que são orientados por papéis. Estas posições não são nada além de expectativas acerca do comportamento, das obrigações e dos direitos de determinado papel no grupo social ou na família. (DUVAL E MILLER cit. Por STANHOPE, 1999).

As posições, os papéis e funções em uma família são implícitos. As funções em uma família têm dois objetivos: o primeiro sendo num nível interno, onde se preocupa com a proteção psicossocial dos integrantes. O segundo sendo externo onde se aborda a cultura e sua transmissão, além de questões como a acomodação. Portanto, a família tem de responder às mudanças internas e externas, para que assim as expectativas sejam atendidas de acordo com as novas circunstâncias. Entretanto os integrantes devem ter sempre um esquema de referência e a continuidade deve ser mantida para os membros.

A função primordial da família é a proteção, além de tudo possui potencialidades para dar apoio emocional quando há necessidade de resolução de problemas e conflitos, inclusive formando uma barreira protetora contra as agressões. A saúde mental do indivíduo é mantida com o apoio da família, pois constitui o recurso natural mais importante para lidar com o estresse de situações relacionadas à comunidade e à vida social. (SERRA, 1999).

A família constitui o primeiro, o mais importante grupo social de toda a pessoa, bem como o seu quadro de referências, estabelecido através das relações e identificações que a criança criou durante o desenvolvimento, tornando-a na matriz da identidade. (VARA, 1996, p.8).

A família contemporânea se deparou com mudanças na sociedade, desta maneira têm se adaptado às novas formas de coexistência. Estas novas formas vêm de mudanças sociais, conflitos entre os valores antigos e também ao estabelecimento de relações novas.

(CHAVES et al, 2002).

Os papéis dos integrantes da família, que engloba um sistema social onde há diversos subsistemas, são estabelecidos a partir do estágio de desenvolvimento em que o sujeito se encontra e da família vista enquanto um grupo. Desta forma, ser um adolescente em desenvolvimento inserido numa família nuclear tradicional, possuindo irmãos biológicos, difere de estar inserido numa família recasada, onde se vive com

padrasto e irmãos nãobiológicos. A família é composta por uma dinâmica e complicada sequência de interações onde aspectos como cognição, socialização, cultural, afetividade são envolvidos. Portanto, a família não deve ser definida somente pelos laços de consanguinidade, mas também por um diverso grupo de variações, até mesmo o significado das relações e das interações entre as pessoas. (DESSEN, 1997).

A própria visão científica demonstra que a família é definida por uma rede de variáveis biológicas, culturais, sociais e históricas. Estas variáveis exercem enorme influência nas interações e relações familiares, além de formarem bases para as diversas novas formas contemporâneas. (PETZOLD, 1996).

O conceito de família e sua configuração evoluíram para que seja possível reproduzir as relações familiares presentes na sociedade atual. A configuração familiar ideal não existe, pois são diversas as combinações e as formas com que se desenvolvem a interação entre os integrantes das mais diferentes famílias contemporâneas. As mais diversas configurações são: nuclear tradicional, recasadas, monoparentais, homossexuais, entre outras configurações existentes.

Para Stratton (2003) os padrões familiares vão se transformando e absorvendo as mudanças que ocorrem, estas podendo ser: psicológicas, políticas, econômicas, sociais e culturais. Estas mudanças ocorrem para que se tenha adaptação acerca da realidade enfrentada atualmente. As configurações familiares vão se modificando com a mesma rapidez em que surgem, provocando assim grandes transformações nas interações e relações familiares, na posição que cada integrante possui na família, nos valores, nas expectativas, funções intergeracionais e também no processo de desenvolvimento e aprendizagem de cada sujeito.

Dentro da família formam-se os laços afetivos, de modo geral, podem ser propulsores de um desenvolvimento e aprendizado saudável e também interações positivas. Deste modo promovendo a adaptação do indivíduo em qualquer contexto que esteja inserido. Nos níveis cognitivo, emocional e social, o apoio da família permite que a criança desenvolva repertórios saudáveis, para que assim consiga enfrentar os conflitos e situações diárias. (EISENBERG & COLS, 1999). Entretanto, para Booth, Rubin & Rose Krasnor (1998), os laços afetivos podem atrapalhar, ou seja, dificultar o processo de desenvolvimento da criança, pois pode provocar problemas no ajuste social. Os problemas se devem ao estresse parental, insatisfação familiar e a incongruência com relação às atitudes que os pais têm com a criança, desta forma os problemas são gerados assim como a dificuldade de ajustamento e interação no mundo social. A construção dos vínculos afetivos, do autoconceito, da autoestima, além dos modelos de interações e relações afetivas e sociais que surgem das figuras parentais. Estes modelos são levados para outro contexto e situações de interação e relação social.

O apoio psicológico e social entre os integrantes da família é assegurado através dos laços afetivos, pois ajuda no enfrentamento do estresse que tem como causa as dificuldades da rotina diária. Estes padrões de relações familiares interagem diretamente a uma rede de apoio que pode ser ativada nos momentos de dificuldades, deste modo cria o sentimento de pertencer, a busca de soluções e atividades que serão compartilhadas. Quando se está diante de problemas e desafios sem uma rede de apoio social que facilite a superação do estresse, a resolução das dificuldades e o restabelecimento da dinâmica familiar adequada, as famílias poderão desenvolver padrões de relacionamentos que são disfuncionais. Estes padrões de relacionamento disfuncionais são: maus tratos, abuso de substâncias, conflitos, violência intrafamiliar, entre outros. (DESSEN E PEREIRA SILVA, 2005).

A família é a responsável pela sobrevivência física de seus integrantes. É no ambiente familiar que as experiências básicas fundamentais são realizadas para que se tenha o desenvolvimento autônomo para a sociedade. Experiência como a aprendizagem do sistema de valores, da linguagem, do controle de impulsividade entre outras. Ainda deve-se referir aos meios para o modelamento psicológico das crianças como, por exemplo, recompensas, observação e castigo. O poder da família não é considerado nem absoluto e nem infinito, pois assim que a criança nasce algumas características estão pelo menos parcialmente pré-determinadas. Estas características são a da saúde e o temperamento infantil. Outros contextos além do familiar influenciam a criança juntamente da ação dos pais, por exemplo, a escola e os seus colegas e educadores. A família tem influência de diversos fatores, em maior ou menor grau, mas que determinam seu funcionamento. Há diversos estilos de comportamento dos pais e cada um possui seu efeito consequente acerca do desenvolvimento e aprendizado social da criança, além de sua personalidade.

(MORENO E CUBERO, 1995).

O comportamento dos pais, como já dito, influencia diretamente no desenvolvimento da criança. Dentre os tipos de comportamento está o de pais autoritários, onde os pais manifestam um alto nível de controle, de exigência de amadurecimento, entretanto o nível de comunicação e afeto explícito é muito baixo. Diante destes pais os filhos tendem a ser obedientes, ordeiros e poucos agressivos, mas as crianças são tímidas e pouco persistentes quando se vêm diante

de um objetivo ou meta.

Quando se trata de pais permissivos, estes possuem pouco controle e exigências de amadurecimento, mas possuem comunicação e afeto. Consultam os filhos sempre que decisões envolvendo a família forem tomadas, porém não há exigência dos filhos quando se trata de ordem e responsabilidade. A tendência é que as crianças tenham problemas no controle de seus impulsos e, por conta da imaturidade, possuem dificuldade em assumir responsabilidades.

Os pais democráticos possuem um alto nível de comunicação e afeto com os filhos, assim como têm controle e exigem o amadurecimento. Além disto, são pais afetuosos, que reforçam positivamente os filhos com grande frequência, evitam desta forma os castigos e as punições. Dão atenção à criança quando esta necessita. As crianças criadas neste ambiente tendem a ter bons e altos níveis de autocontrole e autoestima, persistência em seus objetivos e grande capacidade de enfrentar novas e difíceis situações.

Portanto, as famílias tolerantes recompensam e encorajam a curiosidade, a experimentação e a exploração. O indivíduo que foi excessivamente protegido pelos pais, assim como fortemente controlado, não possui tal reação diante das situações em geral, até mesmo com a próxima geração que poderá surgir. Isto acontece porque os indivíduos foram desencorajados de viver de modo independente, sendo assim as reações que possuem são tímidas, pouco graciosas, apreensivas e também generalizam o ambiente escolar.

A FAMÍLIA E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

O primeiro ambiente de aprendizagem da criança é o familiar. Dentro do contexto familiar é que a criança adquire habilidades sociais, como a comunicação com outros indivíduos, além dos valores sociais da cultura em que está inserida a família e suas expectativas.

A criança, ao ingressar no ambiente escolar, carrega diversos aspectos pessoais que devem ser levados em consideração pelo educador. Os valores socioculturais aprendidos pela criança podem gerar conflitos com o conhecimento que é transmito na escola.

Esta interação gera conflitos por conta do sistema educativo familiar e a visão que a família possui acerca de suas expectativas com a permanência da criança na escola. Se a família possui a visão de que as regras e normas do ambiente escolar são superiores aos do ambiente familiar, consequentemente a criança é obrigada pelos pais a se submeter a estas regras sem nenhum questionamento.

Por outro lado, existem pais que não acreditam na educação fornecida pela escola e nem na cultura que esta transmite. Estes pais tratam a educação com descaso e seus filhos são submetidos às regras apenas como obrigação.

A escola e a família favorecem o processo de construção de atitudes e valores da criança, se trabalhar em conjunto. Estes valores e atitudes enriquecem o processo de aprendizagem e o desenvolvimento para a sociedade de modo geral. Devem ser estimuladas as atividades que favoreçam a presença dos pais no ambiente escolar, além do fato de que a escola precisa buscar o conhecimento da comunidade da qual faz parte. Deste modo faz-se parte da elaboração e dos acontecimentos culturais, além dos festivos, que a comunidade promove.

As famílias devem resgatar o amor, o afeto, o respeito, o carinho, pois é parte fundamental para o desenvolvimento. A busca de uma sociedade e um mundo melhor começa no lar. Para Cury (2003): “Os filhos não precisam de pais gigantes, mas de seres humanos que falem a sua linguagem e sejam capazes de penetrar-lhes o coração”. O dever de administrar o ambiente familiar cabe aos que ocupam a posição de líderes, esta tarefa não é simples. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8069 de 1990, no Art. 22: “Aos pais incube o dever de sustento, guarda e Educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais”.

Cumprir a posição de mãe e pai de forma correta está na lei. Algo que deveria ser natural, ainda sim, precisa estar presente na lei para que seja cumprido. É papel dos pais distribuírem carinho e afeto aos filhos, assim como impor limites, que também é um gesto de amor. Além disto, faz-se importante ensinar às crianças que deve-se superar desafios com coragem e garra, não de forma a serem melhores que outros, mas sim para que possam utilizar ao máximo o seu potencial e habilidades, até mesmo com os pais. Deve-se preparálos para que tenham consciência crítica, orientar sempre o melhor caminho que deve ser seguido e ensiná-los a dizer não.

O meio em que a criança está inserida pode ser a principal causa dos problemas que esta possui. Por mais que não seja a única causa, pode contribuir para que conhecimentos acadêmicos sejam adquiridos. É possível que o ambiente seja modificado para que haja um melhor desempenho da criança, desta forma ela aprende habilidades que até então não possuía. O meio deve ser compreendido não somente pela parte física, mas também pelas relações que a

criança estabelece com outros indivíduos. (DOCKRELL E MCSHANE, 2000).

Os pais, para promover a competência social das crianças, utilizam-se de até três meios. Um deles é o estabelecimento de regras por meio de orientações. Outra é a recompensa e a punição, para que assim se possa controlar as consequências. Por fim é o ato de servir como exemplo. (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005).

Para Bolsoni-Silva e Maturano (2002), algumas habilidades parentais interferem na socialização e aprendizagem das crianças. O ato de conversar com a criança, demonstrar os sentimentos enquanto pais para os filhos e aceitar os sentimentos que a criança possui. Além disto, evita-se o uso da punição com o uso de recompensas aos comportamentos considerados adequados. Os comportamentos não aceitos devem ser ignorados. As promessas, quando feitas, devem ser cumpridas, pois o não cumprimento faz com que as crianças sintam-se enganadas pelos pais, desta forma prejudicando o relacionamento da família e mostrando que cumprir uma promessa não é algo obrigatório.

As atividades escolares devem contar com a participação dos pais, algo de extrema importância. (SAMPAIO; DE SOUZA E COSTA, 2004).

RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

A compreensão da escola vem do conhecimento do processo que a originou. Antes a educação era exclusivamente do ambiente familiar, ou seja, somente dentro da família. Quando a sociedade passou de artesanal para industrial tornou-se necessária a criação de uma instituição que fosse responsável pela educação.

Quando a criança passa a frequentar a escola, na educação infantil, é importante que haja a interação entre famílias e educadores. É nesta fase que a criança passa a assumir papéis e aos poucos incorpora personagens que estão a sua volta. A criança tem a capacidade de aprender em qualquer ambiente, seja brincando ou conversando com o próximo. É capaz de assimilar que no ambiente escolar pode-se discutir com um colega sobre questões de pertencimento de um objeto. Sabe ainda que tanto na escola como no lar os brinquedos devem ser guardados após a brincadeira.

A boa relação entre as famílias e a escola para Bassedas (1999, p.282) "Precisa ficar claro que a escola e a família são contextos diferentes e que nesses contextos as crianças encontrarão coisas, pessoas e relações diversas". A criança passa a enxergar o mundo de forma diferente após a entrada na escola.

A família e a escola nem sempre concordam, pois em muitas situações os educadores intermediam conhecimento e educam da forma que consideram a melhor, explicando sobre certo e errado. Os pais nem sempre concordam com o que é ensinado aos filhos, deste modo a criança fica confusa. Através do desenvolvimento da comunicação, principalmente da televisão e dos jogos, nota-se que há certa contradição com o que é transmitido no sentido das instâncias educativas profissionais tornando cada vez mais complexo a educação de uma criança. (BASSEDAS, 1999).

A aproximação dos pais no que é intermediado diariamente pelo professor faz grande diferença nos resultados da educação. No entanto esta aproximação não ocorre com frequência e poucas escolas têm esta oportunidade de realizar atividades com os pais. Sendo assim, torna-se uma boa opção a de atrair os pais para a escola, aumentar esta aproximação, para que os alunos possam ser formados dentro dos padrões de estudos no que diz respeito à cidadania.

Esta interação entre famílias e a escola promove um diálogo aberto, numa simples reunião, na qual os responsáveis opinam sobre variados temas importantes, para tentar compreender melhor os alunos e os filhos. A proximidade deve ser construída a partir dos educadores, para que se possa obter o maior preparo para auxiliar os filhos. Entretanto, grande parte das famílias sentem-se impotentes ao ouvir críticas dos educadores sobre seus filhos, desta forma o problema não é resolvido. Para que esta situação não ocorra mais é necessária que se promova a conscientização dos responsáveis, pois assim eles terão conhecimento do quão importante é estar envolvido nesse processo de educação das crianças. Toda a sociedade tem responsabilidade sobre os jovens, ou seja, sobre a nova geração. (SILVA, 2008).

As crianças e os jovens necessitam de laços, ou seja, possuem a necessidade de pertencer à família, que é a base para qualquer ser humano, mas também aos laços e afetos construídos. O conjunto de indivíduos que se unem pelo desejo de se manterem unidos, para construir uma vida e para se complementarem, denomina-se família.

As inversões de valores entre pais e filhos e também professores e alunos é o que mais tem ocorrido. Os pais e professores, antigamente, definiam as regras que os alunos deveriam obedecer e seguir. A mudança se dá no fato de que os alunos não mais seguem a estas imposições, pois respondem aos professores, falam em horas inapropriadas e não ouvem qualquer modo de repreensão. A culpa para tal comportamento pertence a quem? Aos pais, à sociedade e aos meios de comunicação? A liberdade excedeu seus limites e a rigidez se mostra ausente

nos pais?

A regressão não é um objetivo, mas sim que os processos de educação sejam redesenhados e revistos. Este deve partir do ambiente familiar, depois para a escola, sociedade, meios de comunicação e alterações nas leis que abordam os menores de idade.

Limites devem ser impostos às crianças, para que estes tenham uma visão ampliada acerca de suas opções. O sucesso na educação dos filhos não vem apenas de ensiná-los o que é considerado correto, mas sim dar uma visão geral, com exemplos, pois as crianças devem ampliar seu conhecimento. Deve-se estar atento ao comportamento que se tem perto de uma criança, pois esta está observando constantemente todas as ações.

A escola não pode ser vista apenas como um ambiente de aprendizagem, mas também como um local onde há construção de laços e uma vida afetiva. Há necessidade de uma continuidade desta vida afetiva, no caso, quando os alunos se reúnem para discutir matérias ou assuntos relativos à aprendizagem de modo geral. Além do mais, formam-se amizades, noções de respeito ao próximo e a consciência acerca dos problemas que cercam o planeta. Tudo auxilia no processo de estreitamento dos laços afetivos. (SILVA, 2008).

A educação das crianças e dos jovens está mais complexa, de forma que pais e professores sofrem dificuldades. Essas dificuldades são causadas pelas influências negativas que passam pela vida da criança. Estas geradas pela falta de disciplina e maus exemplos que são vistos na sociedade em que a criança está inserida. Também surgem a partir de alguns familiares e educadores que são espelhos para estes indivíduos. A situação ainda pode ser modificada, pois existem exceções, como crianças que ainda vão para a escola, algo positivo para que não se perca a esperança. Estas crianças e jovens também buscam um mundo melhor. Só pode-se reverter estar situação através de bons exemplos, disciplina e orientação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O valor das práticas familiares deve ser reconhecido pela instituição escolar e estas devem ser utilizadas como recursos para o processo de aprendizagem.

A escola pode auxiliar nas mudanças de alunos que são considerados “desacreditados”, de forma a modificar seu comportamento por meio da valorização das atitudes que possuem. Assim parte-se para a evolução da humanidade e da sociedade em geral.

Quando se falava em educação, em épocas distantes, esta remetia diretamente à família. A família proporcionava o aprendizado e desenvolvimento dos padrões emocionais e sociais, visto que a criança só frequentaria a escola a partir dos sete anos de idade. Do nascimento até os setes anos os pais eram as fontes de educação fundamental das crianças. O conhecimento que as crianças possuíam vinha do ambiente familiar.

Segundo Corigliano (2010) a escola tem o dever de proporcionar a educação institucional, ou seja, há um parâmetro curricular a ser seguido tendo o educador como exemplo. Os pais são responsáveis pelos valores, pela moralidade e o respeito. O que se observa no contexto atual é que a escola passou a ser considerada o centro educacional e do desenvolvimento das crianças que possuem idade entre zero e dez anos.

As funções políticas, sociais e educacionais devem ser compartilhadas pela família e pela escola, pois promovem e influenciam a formação dos cidadãos tornando-se responsáveis pela construção e distribuição do conhecimento destes. Para Rego (2003) a família e a escola têm o papel de incentivar e inibir o processo evolutivo do ser humano. A família ocupando-se do desenvolvimento social, da proteção e da condição mínima para sobrevivência. Enquanto a escola se ocupa do processo de ensino e aprendizagem. A interação entre família e escola promove o desenvolvimento social, cognitivo e também favorece o sucesso escolar. (DAVIES, MARQUES E SILVA, 1997).

O ambiente escolar dando ênfase à reflexão e a sua função social enquanto o ambiente familiar promove a socialização. A aprendizagem se define como a mudança no comportamento e o processo ocorre de maneira satisfatória quando há motivação.

(MUSSEN, 1970).

As pesquisas realizadas permitem que se chegue à conclusão de que para ocorrer uma maior conscientização acerca das famílias no processo de educação das crianças é necessário que estes participem das atividades propostas pela escola. Os pais são os maiores instigadores e propulsores do sucesso dos filhos, portanto devem compreender que não cabe somente à escola oportunizar o desenvolvimento e o aprendizado à criança. O ambiente escolar contribui no desenvolvimento cultural mantendo sempre o respeito aos valores que já possuem.

A boa relação deve ser mantida com a criança desde o seu nascimento, para que quando ingressem na escola não possuam dificuldades de desenvolvimento e relacionamento. A formação da personalidade das crianças sofre grandes influências do comportamento dos pais, por isto os pais devem valorizar o tempo que passam junto da criança e devem contribuir para a socializa-

ção da mesma levando em conta as modificações ocorridas na sociedade atual acerca do conceito de família.

Há a necessidade de uma parceria entre os pais e as escolas para que cidadãos conscientes sejam formados. Estes devem saber o seu papel perante a sociedade. A responsabilidade do desenvolvimento e aprendizado não deve ser deixada somente à família ou à escola, mas sim a ambas.

A escola e a família devem reconhecer o seu papel fundamental e a importância da participação na vida da criança para seu desenvolvimento, aprendizagem e formação. Todas as experiências e os exemplos devem ser valorizados e assimilados para que se tenha total desenvolvimento e formação.

Pode-se notar que a maioria dos alunos, que apresentam dificuldades no desenvolvimento e aprendizagem, passou ou passam por conflitos no ambiente familiar. De acordo com estudos, a família é base fundamental do desenvolvimento da criança, pois é no ambiente familiar que as competências e habilidades são aprendidas, estimuladas e melhoradas pelo ambiente escolar.

As vivências e os valores aprendidos são de extrema importância para que se tenha um desenvolvimento total dos indivíduos. O educador tem o papel da formação acadêmica. A inversão de valores que ocorre prejudica este modo de promoção do desenvolvimento, pois os pais deixam para os educadores a função de formação de personalidade e educação. Os professores acabam por realizar atividades que deveriam ser feitas pelos pais, além de cuidar das crianças. O motivo se dá pela frequente mudança no modelo familiar.

Não se considera “família” aquela nuclear tradicional composta somente por pai, mãe e filhos. A configuração se modificou tanto que atualmente existem aproximadamente 196 tipos de família. Este fato explica o motivo de tantas mudanças nos valores e funções.

(PETZOLD, 1996).

Neste contexto a escola exerce o papel fundamental de conscientizar os pais acerca da importância de sua participação na vida escolar dos filhos, sendo eles biológicos ou adotivos. O papel da escola é informar que o contato diário com a criança exerce influência positiva para o total desenvolvimento e aprendizagem. Entretanto este contato não pode ocorrer em excesso, pois senão prejudicaria a aprendizagem social da criança e a tornaria dependente dos pais, ou seja, não saberia seguir a vida sem a imagem do pai e da mãe.

Portanto, a instituição escolar deve buscar a interação com as famílias, inserir no seu projeto pedagógico um espaço para que se busque a valorização, o reconhecimento e o trabalho das práticas educativas familiares. Estas práticas devem ser utilizadas como recursos nos processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

REFERÊNCIAS

BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. Aprender a ensinar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 282.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. Estudos de Psicologia. Vol.7 nº2, 2002.

BOOTH, C. L.; RUBIN, K. H.; ROSE KRASNOR, L. Perceptions of emotional support from mothers and friends in middle childhood: Links with social-emotional adaptation and preschool attachment security. ChildDevelopment, 1998. p. 427- 442.

BOSSA, DRA., N. A. Do nascimento ao início da vida escolar. O que fazer para os filhos darem certo?. Revista Psicopedagogia. Vol.17. São Paulo, Salesianas, 1998.

CHAVES, A. M.; CABRAL, A.; RAMOS, A. E.; LORDELO, L.; MARCARENHAS, R. Representação social de mães acerca da família. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 2002.p.1- 8.

CORIGLIANO, D. Educar: papel da família ou da escola? Revista Projetos Escolares,2010. p.15.

CURY, A. Pais Brilhantes, Professores Fascinantes. 1 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAVIES, D.; MARQUES, R.; SILVA, P. Os professores e as famílias: A colaboração possível. 2 ed. Lisboa: Livros Horizontes, 1997.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2005.

DESSEN, M. A. Desenvolvimento familiar: Transição de um sistema triádico para poliádico. Temas em Psicologia, 1997.p. 51-61.

DESSEN, M. A.; PEREIRA-SILVA, N. L. A família e os programas de intervenção: Tendências atuais. In E. G. MENDES, M. A. ALMEIDA, 2005.

DOCKRELL, J.; MCSHANE, J. Crianças com dificuldades de aprendizagem: uma abordagem cognitiva. Tradução Andrea Negreda. Porto Alegre: Artmed, 2000. p.11-12.

DUVAL, M.; STANHOPE, M. Teorias e Desenvolvimento familiar. In STANHOPE, MARCIA; LANCASTER, JEANETTE. Enfermagem Comunitária: Promoção de Saúde de Grupos, Famílias e Indivíduos. 1 ed. Lisboa:

Lusociência,1999. p. 492-514.

EISENBERG, N.; FABES, F. A.; SHEPARD, S. A.; GUTHRIE, I. K.; MURPHY, B. C. Parental reactions to children's negative emotions: Longitudinal relations to quality of children's social functioning. ChildDevelopment,1999.p. 513-534.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Art. 22. Lei 8069. Editora Revista dos Tribunais, 1990. p. 28.

KREPPNER, K. The child and the family: interdependence in developmental pathway. Teoria e pesquisa,2000. p.11-22.

MINUCHIN, S. Famílias: Funcionamento e Tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 25-69.

MONERO, M. C.; CUBERO, R. Relações sociais nos anos pré-escolares em Desenvolvimento Psicológico e Educação. Vol. 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p.190-202.

MUSSEN, P. H. O desenvolvimento psicológico da criança. 5 ed. Rio de Janeiro: 1970, p. 54-131.

PETZOLD, M. The psychological definition of "the family". In M. CUSINATO, Research on family: Resources and needs across the world. Milão: LED - EdicioniUniversitarie, 1996.

POLÔNIA, A. C.; DESSEN, M. A. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. Psicologia Escolar e Educacional, 2005, p. 303 - 312.

REGO, T. C. Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis: Vozes, 2003.

SAMPAIO, A. C. P.; DE SOUZA, S. R.; COSTA, C. E. Treinamento de mães no auxílio execução da tarefa de casa. In: Brandão, M. Z. S.; CONTE, F. S.;

INGBERMAN, Y. K.; SILVA, V. L. M.; OLLINAI, S. M.; Sobre o comportamento e cognição: contribuições para a construção da teoria do comportamento. Vol. 14. Santo André: Esetec Editores Associados, 2004.

SERRA, L. M. Histórias e Mistérios. São Paulo: Scipione, 1999.

SILVA, S. G. O. A relação família/escola. [s.d]. Disponível em:

<http://www.artigos.com/artigos-academicos/1931-a-relacao-familiaescola>. Acesso em: 10 fev. 2024.

OARES, C. B.; ÁVILA, L. K.; SOVAETTI, M. G. Necessidades de saúde de adolescente do

D.A. Referidas famílias, escola e bairro. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 2000.

STRATTON, P. Contemporary families as contexts for development.In. VALSINER e K.

CONNOLLY, Handbook of developmental psychology.London: Sage, 2003.